



São Paulo, domingo, 17 de julho de 2011

FOLHA DE S. PAULO **ilustríssima**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

## CRÍTICA

# Nova revolução dos bichos

### A onda dos estudos animais

#### RESUMO

Entre direito, crítica literária, antropologia e outras disciplinas, ganha corpo um novo campo de pesquisas: os estudos animais, que põem em questão a superioridade humana e reconhecem tanto uma "cultura" animal como a animalidade do homem em livros, congressos e militância política, não sem opositores.

#### ALCINO LEITE NETO

**"NÃO ATIRE O PAU NO GATO/** porque isso não se faz/ o gatinho é nosso amigo/ não devemos maltratar os animais..." É assim um trecho do "Rap dos Animais", que consta no site do Instituto Abolicionista Animal, da Bahia, presidido pelo promotor de Justiça e professor de direito Heron Santana. Em 2005, Santana liderou um pedido de habeas corpus -garantia legal reservada aos seres humanos- em favor da chimpanzé Suíça, a fim de libertá-la do zoológico de Salvador e transferi-la para uma reserva de primatas em Sorocaba (SP). Suíça, porém, morreu dias antes de o caso, inédito no país, ter sido julgado.

Reivindicações similares ocorreram em seguida no Brasil, sem sucesso. No final do ano passado, por exemplo, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro recusou um pedido de habeas corpus feito por entidades protetoras de animais para libertar o macaco Jimmy do zoo de Niterói. O relator do processo justificou: o habeas corpus não é o instrumento jurídico certo para proteger o primata.

**BENS SEMOVENTES** Os bichos não estão sob os cuidados das mesmas leis reservadas às pessoas. No Código Civil, são classificados como "bens semoventes", ou seja, uma propriedade do homem dotada de movimento próprio. É a Lei de Crimes Ambientais (nº 9.605, de 1998) que garante proteção e segurança aos animais e prevê punição aos que os maltratam, mutilam ou envenenam, entre outros delitos. A Constituição também veda práticas que levem à extinção

de espécies ou "submetam os animais à crueldade" (Cap. VI, art. 225, § 1º, inciso VII).

Pedir habeas corpus para um animal é um modo de desafiar os limites do sistema jurídico e também uma forma de protesto político. A intenção é parecida à do americano Gary Francione, professor de direito que é um dos principais defensores da causa do abolicionismo dos bichos. Um de seus livros, de 2008, tem como título "Animal as a Person" (o animal como pessoa).

**TRADIÇÃO** Ao reivindicar que animais -ao menos os primatas superiores- possam usufruir de um direito reservado às pessoas, esses grupos pretendem colocar em xeque uma tradição filosófica e cultural de séculos, que o direito apenas formaliza.

Segundo essa tradição, os homens se definem por oposição aos animais, sendo estes inferiores àqueles por estarem desprovidos da razão, da palavra e da preocupação recíproca pelos seres humanos.

Para René Descartes (1596-1650), por exemplo, os bichos não passam de autômatos, já que, desprovidos de alma, não dispõem senão da pura mecânica do corpo.

Para Kant (1724-1804) -cujo pensamento exerceu tanta influência sobre a jurisprudência-, já que animais são seres desprovidos de julgamento, os homens não têm nenhum dever em relação a eles, a não ser um dever indireto com respeito à própria humanidade.

O pensamento ocidental seguiu praticamente na mesma toada até Heidegger e Levinas, no século 20. Raros foram os pensadores que, como Jeremy Bentham (1748-1832), entenderam que os animais deveriam ser dotados de direitos. Para o filósofo britânico, a defesa dos bichos se justifica por estarem eles, assim como os homens, sujeitos ao sofrimento. Na vida prática, a presunção de superioridade do homem resultou na perseguição desenfreada aos animais, quando não na extinção de espécies, na "escravização" dos bichos, no aprisionamento, na morte em massa e na sua mercantilização para fins alimentares e de entretenimento doméstico.

**ÉTICA ANIMAL** É contra essa visão utilitária e predadora que surgiram, nas últimas décadas, filósofos e juristas dedicados a discutir a criação de uma "ética animal" e reivindicar um arcabouço jurídico que dote os bichos de direitos.

Ao mesmo tempo, surgiram grupos de proteção aos animais, alguns constituídos em organizações políticas, por vezes ferozmente militantes, como o Peta (People for the Ethical Treatment of Animals), criado em 1980, ou a ALF (Animal Liberation Front), fundada nos anos 70. Foi o braço brasileiro da ALF o responsável pela depredação, em 2005, do Instituto de Biociências da USP, em protesto contra o uso de bichos em pesquisas científicas.

No âmbito acadêmico, da mesma maneira que no passado recente as universidades se abriram para os estudos da

cultura na ótica das diferenças raciais e sexuais, vem se desenvolvendo uma nova área de pesquisas chamada "estudos animais".

As investigações neste campo são complexas e convocam um grande número de disciplinas, como a biologia, a filosofia, o direito e a antropologia, além da literatura e de outras artes.

As pesquisas já encontraram terreno fértil no Brasil. No início de maio, foi realizado em Belo Horizonte o colóquio internacional "Animais, Animalidade e os Limites do Humano", que promoveu mais de 30 palestras e mesas-redondas e trouxe ao país alguns ilustres pesquisadores da nova disciplina. Entre eles, o francês Dominique Lestel, da École Normale Supérieure de Paris, o britânico Tom Tyler, da Oxford Brookes University, e o americano Randy Malamud, da Georgia State University.

O colóquio foi coordenado pela pesquisadora Maria Esther Maciel, professora de teoria da literatura, e por Julio Jeha, professor de literaturas de língua inglesa, ambos da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

O encontro foi considerado um pré-evento para a segunda Minding Animals Conference, que acontecerá em 2012, no Instituto de Ética da Universidade de Utrecht (Holanda). A Minding Animals Internacional (MAI) é uma associação internacional que tem entre seus patronos o sul-africano J.M. Coetzee (Nobel de Literatura em 2003) e a cientista britânica Jane Goodall, famosa por suas pesquisas com chimpanzés.

Foi Maria Esther quem também organizou o livro

**"Pensar/Escrever o Animal: Ensaio de Zoopoética e Biopolítica"** [422 págs., R\$ 39], recém-publicado pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (Edufsc). Com 19 ensaios de vários autores, brasileiros e estrangeiros, o livro é uma das primeiras grandes iniciativas editoriais no país no campo dos estudos animais.

A primeira parte de "Pensar/Escrever o Animal" traz ensaios de viés mais filosófico, como os de Benedito Nunes, Dominique Lestel e Tom Tyler. Entretanto, o foco principal do livro (como foi também o do colóquio em Belo Horizonte) é a análise do modo como a literatura, os mitos, as fábulas e as artes abordam os animais e a própria animalidade do homem.

São examinados autores como Kafka, Coetzee, Clarice Lispector, Borges e Patricia Highsmith. As análises são de Márcio Seligman-Silva, Evando Nascimento, Raul Antelo, Eneida Maria de Souza, Jens Andermann e Lucile Desblache, entre outros.

A lista de escritores analisados inclui o curioso caso da brasileira Regina Rheda, cujo pouco conhecido "Humana Festa" (Record) seria o "primeiro romance centrado no veganismo no mundo", segundo a professora Alexandra Isfahani-Hammond, da Universidade da Califórnia em San Diego.

Claramente militante, o livro narra as disputas econômicas e os dilemas morais em torno da criação de animais numa

fazenda no interior de São Paulo. O veganismo (que deriva da palavra "vegetarianismo") é um movimento que defende os direitos dos bichos e a supressão de todo produto de origem animal -na alimentação, nas roupas, nos medicamentos etc.

**ANTROPOLOGIA** A etologia (estudo científico do comportamento animal) fez nas últimas décadas importantes descobertas que contestam preconceitos e erros históricos a respeito dos bichos. A antropologia também tem trazido novas contribuições ao debate sobre o relacionamento dos homens com os animais.

Trabalhos como o do brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (e sua obra seminal "A Inconstância da Alma Selvagem", da Cosac Naify) e o do francês Philippe Descola, que lançou neste ano "L'Écologie des Autres - L'Anthropologie et la Question de la Nature" (a ecologia dos outros - a antropologia e a questão da natureza, Éditions Quae), postulam uma guinada da antropologia para fora do antropocentrismo e do dualismo humano/não humano. Entre muitos estudiosos, contudo, existe a percepção de que, em vista da herança antropocêntrica e racionalista da filosofia e das ciências, a imaginação literária e artística tem muito a contribuir para a compreensão do "ser" dos animais. Foi o que defendeu em 1997 o filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) na conferência "O Animal que Logo Sou" (editora Unesp).

"Pois o pensamento do animal, se pensamento houver, cabe à poesia, eis aí uma tese, e é disso que a filosofia, por essência, teve de se privar. É a diferença entre um saber filosófico e um pensamento poético", diz ele.

**LITERATURA** "A literatura sempre representou os animais, mas usando-os, sobretudo, como elementos de alegorias e fábulas que serviam à edificação do homem. A literatura moderna tem maior consciência do animal como sujeito", afirma Maria Esther Maciel à **Folha**.

Em seu livro "**O Animal Escrito: Um Olhar Sobre a Zooliteratura Contemporânea**" [Lumme Editor, 102 págs., R\$ 34], ela analisa escritores que viram nos bichos algo mais do que simples metáforas, como Guimarães Rosa (1908-1967), "o grande animalista das letras brasileiras no século 20", nas palavras da pesquisadora.

"Amar os animais é aprendizado de humanidade", escreveu Rosa, no texto "Zoo" (publicado em "O Globo" em 1961). O escritor foi bastante sensível à "subjetividade" animal, bem como à questão da animalidade do homem -basta lembrar os célebres contos "O Burrinho Pedrês" e "Meu Tio o Iauaretê", em que um caçador "mimetiza" uma onça.

Mas a preocupação com os bichos vem de mais longe no país. Já comparece em Machado de Assis (1839-1908), que, segundo Maria Esther, foi "o primeiro escritor brasileiro a tratar da questão do animal sob um prisma ético".

O autor de "Quincas Borba" (título, aliás, que se refere tanto

a um personagem humano quanto a um cachorro) colocou dois burros conversando sobre a exploração a que eram submetidos na tração de trens, num artigo de 1892, "Crônica dos Burros". Machado também apoiou o vegetarianismo e manifestou-se contra as touradas.

Para Maria Esther, uma coisa são os estudos literários sobre animais, e outra, a militância política. "Não sou uma militante, sou uma pesquisadora preocupada com as várias questões relacionadas ao animal e à animalidade", explica. Mesmo favorável ao direito dos animais, ela acredita que haja um radicalismo "aboliconista" que almeja afastar os animais do convívio humano. "A convivência entre homens e animais, porém, é não apenas inevitável quanto profícua para ambos, pois todos compartilhamos do vivente."

À causa do aboliconismo animal a pesquisadora prefere a defesa de uma "comunidade híbrida" -conceito criado pelo filósofo francês Dominique Lestel. "Nessa comunidade, homens e animais compartilham vidas, afetos e até perigos. É a mesma comunidade em que vivemos atualmente, com a diferença de que ela se construiria fora do antropocentrismo dominador", afirma.

A crescente convivência dos homens com animais domésticos é já uma forma de comunidade híbrida. "Salvo que o grande problema do convívio doméstico com os bichos é a nossa tendência a humanizá-los."

**MILITÂNCIA** Os estudos animais vêm adquirindo um tom mais político, particularmente entre norte-americanos.

"Embora nos EUA existam alguns pensadores muito importantes, ocorre um predomínio da questão da militância sobre a questão filosófica e literária", conta Maria Esther. A primeira Mind Animals Conference, realizada em 2009, em Newcastle (Austrália), mostrou a ela que já está em curso "um confronto entre os pesquisadores mais militantes e os mais reflexivos, que chegaram a ser acusados pelos primeiros de apatia política".

A militância pró-animais parece ganhar cada vez mais adeptos e pode se tornar um movimento de forte impacto na sociedade nas próximas décadas.

Nesta época de descrédito das ideologias políticas, é como se o animal tivesse se tornado o novo proletário -um "sujeito", um "vivente" explorado, escravizado e sacrificado pelos humanos e pelo capitalismo, cujos direitos precisam ser defendidos por grupos organizados e inter-relacionados globalmente. É uma verdadeira revolução dos bichos que vem sendo gestada pelos ativistas.

**CONTROVÉRSIAS** Não é só a defesa dos direitos dos animais que está rodeada de controvérsias. A dedicação dos críticos literários aos bichos também está longe de obter o consenso dos intelectuais.

"Filósofos, juristas ou biólogos têm coisas muito mais interessantes a falar sobre animais e seus direitos do que críticos literários", diz o escritor Bernardo Carvalho à **Folha**.

Para ele, "já faz algum tempo que o paradoxo dos estudos literários é que seu objeto não pode ser mais a literatura: o objeto tem que ser sempre extraliterário."

O autor de "Nove Noites" é simpático aos direitos animais e acha que é preciso "aplicar princípios humanistas para estabelecer esses direitos". Considera, porém, que a deriva dos críticos para os estudos animais é sintoma de que a literatura está acabando ou perdendo a relevância num mundo massificado. "Por outro lado, é um atestado de óbito dos próprios estudos literários", sentencia.

O fato, contudo, é que os estudos animais parecem ter aberto um caminho bastante sedutor às pesquisas acadêmicas, criando uma fértil troca multidisciplinar, como prova a coletânea francesa recém-lançada "**La Question Animale - Entre Science, Littérature et Philosophie**" [a questão animal - entre ciência, literatura e filosofia, Presses Universitaires de Rennes, 304 págs., R\$ 40].

Organizado pelos professores de literatura Jean-Paul Engélibert, Lucie Campos, Catherine Coquio e pelo biólogo e filósofo Georges Chapouthier, o livro traz 17 palestras do colóquio "O Sentido do Animal", realizado em 2010, em Poitiers (França).

As análises literárias predominam, mas a obra também reúne pesquisadores que tratam dos avanços dos trabalhos etológicos -como os que dizem respeito à inteligência e à capacidade de invenção de outras espécies.

**QUESTÃO ANIMAL** Vale a pena assinalar ainda o lançamento, no ano passado, de "**Philosophie Animale - Différence, Responsabilité et Communauté**" [filosofia animal - diferença, responsabilidade e comunidade, Librairie Philosophique Vrin, 384 págs., R\$ 27]. Trata-se de uma antologia de textos-chave sobre a "questão animal", escritos por alguns dos seus pensadores mais proeminentes em língua inglesa, como John Berger, Peter Singer, Tom Regan, Gary Francione, Martha Nussbaum e John Callicott. Aqui, o foco não é literário. O livro está mais voltado para as discussões filosóficas, jurídicas, científicas e sociais -às quais acaba por oferecer uma boa introdução.

Uma das seções mais interessantes da obra é "A Comunidade dos Animais e dos Seres Humanos" -sobre os problemas de nosso convívio com os bichos-, em especial o artigo da americana Clare Palmer, "Contrato Doméstico". Ela discute as dificuldades para que se estabeleça um novo contrato social que inclua os animais, ideia surpreendente e radical defendida por alguns pensadores.

No debate, o que está em questão não são apenas os animais mas também os homens. Depois de séculos, os humanos parecem mais dispostos a aceitar -sem medo nem rancor- sua própria condição animal e a fraternidade biológica que os une inexoravelmente aos outros bichos da Terra.

*"Fazer um pedido de habeas corpus em benefício de um animal é um modo de desafiar os limites do sistema jurídico*

*e também uma forma de protesto político"*

*"As investigações neste campo são complexas e convocam grande número de disciplinas, como a biologia, a filosofia, o direito e a antropologia, a literatura e outras artes"*

*"A etologia fez descobertas que contestam preconceitos e erros históricos a respeito dos bichos. A antropologia também tem trazido contribuições"*

*"'Filósofos, juristas ou biólogos têm coisas muito mais interessantes a falar sobre animais e seus direitos do que críticos literários', diz Bernardo Carvalho"*

*"Nesta época de descrédito das ideologias políticas, é como se o animal tivesse se tornado o novo proletário -um "vivente" explorado pelo capitalismo"*

Texto Anterior: [Ciência: O braço direito](#)

Próximo Texto: [Réplica: Narração e silêncio](#)

[Índice](#) | [Comunicar Erros](#)

---

Copyright Empresa Folha da Manhã S/A. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da [Folhapress](#).